

<https://www.brasildefato.com.br/2025/07/10/no-extremo-sul-da-bahia-indigenas-seguem-em-luta-pela-soltura-do-cacique-surui-pataxo/>

No Extremo Sul da Bahia, indígenas seguem em luta pela soltura do Cacique Suruí Pataxó

No início da semana, manifestantes bloquearam por dois dias a BR-101 em luta contra a prisão, considerada arbitrária

10.JUL.2025 ÀS 14H18
SALVADOR (BA)
REDAÇÃO



Indígenas exigem a soltura da liderança e lutam pela demarcação dos seus territórios - Comunicação *Finpat*

Após dois dias de mobilizações que interditaram a BR-101 próximo a Itamaraju, no [Extremo Sul da Bahia](#), indígenas seguem em luta pela soltura do Cacique Suruí Pataxó, presidente do Conselho de Caciques da Terra Indígena (TI) Barra Velha e também Cacique da Aldeia Mãe Barra Velha. Iniciado na segunda-feira (7), o bloqueio da estrada foi realizado por manifestantes das TIs Barra Velha e Comexatibá até a

tarde da terça-feira (8). Além da liberação da liderança, as comunidades também lutam pela demarcação dos territórios e pelo fim da violência e criminalização dos indígenas. Os manifestantes apontam que podem retomar as mobilizações ainda nesta semana caso as reivindicações não sejam atendidas.

Em nota, o Conselho de Caciques aponta que a prisão de Suruí Pataxó, realizada no dia 2 de julho pela [Força Nacional de Segurança Pública](#), ocorreu sem mandado judicial e foi motivada por perseguição política, com o objetivo de criminalizar uma liderança atuante na defesa dos direitos dos povos indígenas.

“O Cacique Suruí está sendo punido por cumprir seu dever ancestral e constitucional de defender seu povo, seu território e seus direitos. Ele é símbolo de resistência e dignidade, e sua prisão atenta contra todos os povos originários do Brasil”, aponta o documento.

Além disso, a entidade denuncia abusos cometidos por agentes durante o transporte do cacique e de três adolescentes indígenas, com relatos de tortura física e psicológica.

“Durante o trajeto, os policiais pararam o veículo diversas vezes na estrada, obrigando os detidos a descer, correr e se submeter a insultos e humilhações. O cacique foi chamado de ‘falso cacique’, teve sua identidade questionada e ouviu dos agentes que ‘o cano da arma deles estava quente’”, destaca a nota.

O **Brasil de Fato** entrou em contato com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, responsável pela atuação da Força Nacional, mas não obteve retorno. O espaço segue aberto.

Violência sistemática

Os manifestantes também denunciam a escalada da violência contra os povos indígenas e a criminalização das suas lideranças. Casos como o de [Vitor Braz](#), assassinado com disparos de armas de fogo no dia 10 de março, do adolescente [Gustavo Pataxó](#), de 14 anos, morto com um tiro de fuzil na nuca em setembro de 2022, e dos [assassinatos](#) de Nawir Brito de Jesus, de 17 anos, e Samuel Cristiano do Amor Divino, de 25 anos, seguem impunes.

Além disso, uma [operação conjunta](#) da Polícia Civil e da Polícia Militar da Bahia no dia 20 de março cumpriu 12 mandados de prisão e sete de busca e apreensão na Terra Indígena (TI) Barra Velha do Monte Pascoal, no município Prado, resultando na prisão de 24 indígenas Pataxó. À época, indígenas denunciaram invasão de casas e emprego de violência policial contra os moradores. De acordo com nota da Polícia Civil da Bahia, divulgada após a operação, a ação foi parte de uma investigação que apura supostos casos de violência de indígenas na região.

De acordo com o [Relatório de Conflitos no Campo 2024](#) da Comissão Pastoral da Terra (CPT), o ano passado apresentou o 2º maior número de conflitos da série histórica da CPT, com 2.185 casos registrados. Dos 13 assassinatos, 5 foram contra indígenas, a categoria que mais sofreu com a violência. O documento também destaca a atuação do “[Movimento Invasão Zero](#)”, grupo ruralista, fundado na Bahia, composto por grandes fazendeiros e proprietários de terras, conhecido por ações violentas contra famílias em situação de acampamento, ocupações e retomada de territórios.

Mãdy Pataxó, Cacique da TI Comexatibá, salienta que, ao invés de investigar e punir os crimes cometidos contra os povos indígenas, os aparatos do Estado avançam na criminalização de suas lideranças. “Enquanto os pistoleiros, os milicianos, os mandantes dos crimes, os assassinatos do sangue Pataxó derramado no caminho do agronegócio estão soltos, estão aí prendendo e criminalizando nossas lideranças”, denuncia.

“Pedimos a soltura do Cacique Suruí e a demarcação do território Barra Velha e Comexatibá. O meio ambiente está sendo destruído. A luta de Suruí é pelas águas, pela terra, pela floresta, espiritualidade de nossa mata, pela criança, ancião, mulher, jovem, pelo guerreiro. Então não podemos deixar que isso aconteça. Estamos juntos com eles”, completa o Cacique.

Confira a íntegra da nota divulgada pelo Conselho de Caciques TI Barra Velha do Monte Pascoal:



T.I. Barra Velha de Monte Pascoal, 4 de julho de 2025

NOTA DE REPÚDIO

O Conselho de Caciques do Território Indígena Barra Velha de Monte Pascoal manifesta, com profunda indignação, seu repúdio à ação arbitrária da Força Nacional, que resultou na prisão injusta e premeditada do Cacique Suruí Pataxó, presidente deste Conselho e liderança reconhecida do movimento indígena.

A abordagem, conduzida sem mandado de prisão, teve motivação claramente política e persecutória, revelando o objetivo de incriminar o cacique por ele ser uma liderança ativa na luta pelos direitos dos povos indígenas. Isso evidencia a gravidade da criminalização do movimento indígena e da luta por direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e por tratados internacionais, como a Convenção 169 da OIT.

Denunciamos também que, durante o transporte do Cacique Suruí e de três adolescentes indígenas da Aldeia Barra Velha até Porto Seguro, houve tortura física e psicológica por parte dos agentes da Força Nacional. Durante o trajeto, os policiais pararam o veículo diversas vezes na estrada, obrigando os detidos a descer, correr e se submeter a insultos e humilhações. O Cacique foi chamado de "falso cacique", teve sua identidade questionada e ouviu dos agentes que "o cano da arma deles estava quente". Foram cinco paradas durante o percurso, todas marcadas por agressões verbais e ameaças, configurando grave violação dos direitos humanos e desrespeito total à dignidade das lideranças indígenas e de seus jovens.

Enquanto isso, os verdadeiros criminosos — os que assassinaram covardemente Naui, Samuel, Vitor Braz e Gustavo — continuam soltos, protegidos por interesses econômicos e políticos. O que tem falado mais alto não é a justiça, mas o dinheiro, os latifúndios e os interesses daqueles que querem exterminar nossa luta e calar nossas lideranças.

O Cacique Suruí está sendo punido por cumprir seu dever ancestral e constitucional de defender seu povo, seu território e seus direitos. Ele é símbolo de resistência e dignidade, e sua prisão atenta contra todos os povos originários do Brasil.

Convocamos toda a comunidade Pataxó, aliados, apoiadores e a sociedade civil a se unirem na mobilização que iniciamos hoje na BR-101, por tempo indeterminado, exigindo:

- Liberdade imediata para o Cacique Suruí!
- Justiça pelos assassinatos de Naui, Vitor, Samuel Braz e Gustavo!
- Demarcação já do nosso território tradicional!
- Fim da criminalização das lideranças indígenas!

Seguiremos em pé, com nossos maracás, cantos e raízes fincadas na terra. Nossa luta é por justiça, por memória e por vida.

Conselho de Caciques TI Barra Velha de Monte Pascoal